



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio
Lula da Silva, em conjunto com o Presidente do México, Felipe Calderón
Cancún-México, 23 de fevereiro de 2010**

Meu caro companheiro e amigo, Felipe Calderón, presidente dos Estados Unidos Mexicanos,

Senhora Patrícia Espinosa, secretária de Relações Exteriores dos Estados Unidos Mexicanos,

(incompreensível) membro da delegação mexicana,

Meu caro companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, por meio de quem cumprimento os demais membros da delegação brasileira,

Senhoras e senhores empresários do Brasil e do México,

Senhoras e senhores jornalistas,

Meus amigos e minhas amigas,

Não vou me referir aqui ao acordo firmado pelas (incompreensível) porque não vou repetir tudo o que disse o companheiro Calderón.

Eu vou dizer duas coisas que eu considero que são muito importantes para o futuro das relações entre México e Brasil. Primeiro, eu não poderia sair do México sem dar os parabéns ao presidente Calderón pelo sucesso na organização da Cúpula América Latina e Caribe, realizada aqui neste conjunto excepcional de hotéis. Eu já tinha ouvido falar (incompreensível) Cancún, mas nunca (incompreensível). Foi uma pena vocês... tanta reunião que não pudemos ir à praia nenhuma vez, mas não faltará oportunidade.

Eu fiquei emocionado porque quando nós fizemos a primeira Cúpula da América Latina e do Caribe no complexo turístico de Sauípe, em Salvador, na Bahia, eu não tinha a dimensão de como iria ganhar corpo e força a realização dessa Cúpula.



Se vocês imaginarem que este ano já estamos comemorando 200 anos de independência em vários países; o México tem 200 anos de independência, o México tem 100 anos de revolução, tudo comemorado este ano. Se a gente imaginar que muitos países estão completando 200 anos de independência na América Latina e no Caribe e que, até hoje, não tinha havido nenhuma reunião entre esses países para discutir os seus problemas, ou seja, nós participávamos de reuniões convocadas para discutir com a União Europeia, nós participávamos de fórum para discutir com os Estados Unidos, mas nós nunca tínhamos feito uma reunião entre nós. E porque essa reunião aconteceu na Bahia e porque que aqui no México já se tomou a decisão de criar a Comunidade Latino-Americana e Caribenha? É porque a crise econômica de 2008, ela trouxe uma lição que todos nós precisamos aprender, ou seja, nós passamos muito tempo defendendo a globalização, depois nós passamos muito tempo defendendo o mercado livre e o livre comércio e depois nós percebemos que, quando veio a crise nos países pobres, só os pobres pagavam. Os países ricos não tinham nenhum prejuízo com as nossas crises. Mas, quando veio a crise nos países ricos, os pobres participaram do pagamento dessa crise. São milhares e milhões de desempregados nos Estados Unidos, na Europa, mas também na América Latina, também na África, também no Brasil, também no México.

No Brasil, nós tivemos uma coisa inusitada, Calderón. No ano passado, nós criamos 900 mil novos postos de trabalho e este ano, em janeiro, nós já criamos 185 mil novos postos de trabalho. Nós estamos muito otimistas com o ano de 2010, não apenas porque o meu time de futebol vai ser campeão da Libertadores, o Brasil pode ser campeão da Copa do Mundo na África do Sul e também porque a economia pode crescer de forma excepcional e gerar empregos. Mas, então, o que nós percebemos, e é por isso que está tendo sucesso nessas reuniões da América Latina e do Caribe, é que nós precisamos procurar outros mecanismos de sobrevivência, de construção de parcerias, de



investimentos, de solidariedade. Nós não poderíamos ficar com o padrão antigo nas relações comerciais entre nós.

Eu dizia ao meu amigo Calderón, que em 2003 nós tomamos uma decisão de mudar o paradigma de relações comerciais no Brasil. É difícil, é difícil. Eu vinha de Davos com o ministro Celso, no dia 25 de janeiro, eu tinha apenas vinte e cinco dias na Presidência do Brasil, quando eu disse ao Celso: não é possível a gente continuar com essa geografia comercial tal como está. É preciso mudar essa geografia comercial. E para não ficar reclamando - porque tem gente que passa um mandato inteiro reclamando - nós sempre estamos procurando um culpado para justificar as coisas que nós não conseguimos fazer. E eu tomei uma decisão. Em vez de ficar reclamando dos outros, nós resolvemos viajar o mundo. Ou seja, nós viajamos para os países do Oriente Médio, nós viajamos para mais de 20 países africanos, 29 países africanos. Nós viajamos por toda a América Central, por vários países do Caribe, por toda a América do Sul, nós viajamos para a Ásia, nós viajamos para o Oriente Médio, nós viajamos aonde fosse possível viajar, nós viajamos. Sem corromper a nossa boa relação com os Estados Unidos e com a União Européia, que eram dos dois principais parceiros. Nós não entendíamos que era preciso brigar com um para fazer negócio com o outro. Nós entendíamos que era preciso fazer negócio com o outro para melhor o negócio com aquele que nós já tínhamos. Ou seja, as pessoas precisavam descobrir que o Brasil não queria mais ficar dependente de um bloco.

Eu lembro como se fosse hoje, que quando tivemos uma feira em Dubai que custou US\$ 500 mil a feira, eu recebi muitas críticas. Como é que o Brasil gastava US\$ 500 mil para fazer uma feira em Dubai para levar empresários e levar produtos brasileiros? Somente na feira, vendemos US\$ 50 milhões, mas não apareceram os US\$ 50 milhões que vendeu. A crítica era só dos US\$ 500 mil que nós gastamos. Ora, porque nós aprendemos que neste mundo globalizado e neste mundo de livre mercado e livre comércio, a gente não pode



ficar sentado em uma cadeira esperando que os outros descubram que nós existimos. Tampouco, a gente pode querer ficar vendendo apenas para os países de tecnologia mais sofisticada. A chance de eles comprarem produtos nossos é muito menor do que a dos países iguais à gente ou países mais pobres que a gente. E na minha cabeça, Calderón, vinha sempre a imagem do mascate, o mascate. Não sei se aqui no México tem essa figura do mascate?

_____ : Tem.

Aquele que coloca um monte de coisas embaixo do braço e vai de casa em casa bater palma e vender. Pois bem, o mascate não vai na rua dos ricos vender, porque ele sabe que os ricos não vão comprar o produto de um mascate, vão comprar produtos mais sofisticados, de alta tecnologia. Em vez de comprar uma máquina mexicana ou brasileira, compram uma máquina alemã. Mas tem outros setores que vão comprar as nossas máquinas. E nós temos que procurar esse parceiro. Por isso é que nós começamos a viajar para o Oriente Médio, para a África, para a América Latina, onde nós temos mais competitividade, mais tecnologia, mais inovação e mais similaridades.

O dado concreto é que nós saímos de uma balança comercial de US\$ 60 bilhões para uma balança comercial de mais de US\$ 200 bilhões. E quando vem a crise econômica, a gente não tinha uma balança comercial que representava 30% da nossa balança com os Estados Unidos ou 30% do PIB com a Europa, eram apenas 13%. Mas ela tinha crescido muito com a América do Sul, com a América Latina, com a África, com o Oriente Médio e com o Mundo Asiático.

Então, nós sofremos menos, também porque tínhamos um mercado interno muito forte e muito carente de oportunidades. Eu digo sempre que a crise econômica, no Brasil, em um primeiro momento foi salva pelos pobres. Os pobres, que não tinham tido acesso ao mercado, na hora em que começamos



a fazer política de transferência de renda, política de aumento do salário mínimo e política de aumento da massa salarial, e quando facilitamos a venda de carros, de geladeira, de fogão, de máquina de lavar roupas, o que a gente percebia era que o povo estava ávido por comprar as coisas, ávido por comprar as coisas. Então, nós adequamos a economia brasileira à realidade do mercado interno e adequamos o preço ao poder de pagamento das pessoas e para isso o governo fez um esforço muito grande de reduzir, praticamente, quase todos os tributos para tornar os produtos mais acessíveis para as pessoas.

Pois bem, essa política me faz criar coragem para dizer aos empresários mexicanos e ao meu amigo Calderón - eu estou dizendo isso desde o tempo do presidente Fox - que eu tenho ponderado para o México se voltar para a América do Sul, para o México não ficar olhando só para um lado. O México precisa olhar para um lado, mas olhar para o outro, o mundo é redondo, o mundo não é retangular, então é preciso olhar para todos os lados e mirar muito a América do Sul. E mirando a América do Sul, mirar muito o Brasil, que tem uma população de 200 milhões de habitantes, que tem um mercado interno excepcional, que tem muita similaridade com o México, que nós não somos adversários, muito menos inimigos. Nós temos todas as condições de sermos parceiros nessa relação comercial, de sermos parceiros como os empresários que estão acreditando, mexicanos e fazendo investimentos no Brasil, de sermos parceiro como a empresa brasileira que resolve fazer investimento em parceria no México, no setor Petroquímico. É esse o destino que está traçado para os mexicanos e para os brasileiros. Duas economias que formam juntas, praticamente, 300 milhões de habitantes, um PIB extraordinário. Onde é que está a necessidade do medo? Qual é a preocupação que os empresários mexicanos têm com os empresários brasileiros que não têm com os empresários americanos? Que não têm com os empresários alemães? Que não têm com os empresários japoneses ou com os chineses? Qual é a



preocupação que os brasileiros têm que ter com os mexicanos? Ora, meu Deus do céu! Duas economias emergentes, duas economias com uma mão-de-obra mais ou menos similar. Dois povos que não se entendem perfeitamente bem, mas se entendem mais ou menos, ou seja, na dúvida a gente pergunta para alguém que sabe mais do que a gente. Uma língua muito próxima... Por que não há essa integração? Por que o Brasil tem que ser 100% para o lado de lá, e o México 100% para o lado de cá? Por que nós não repartimos esse potencial nosso? Por que o Brasil não olha um pouco para a América do Norte, via México, e o México não olha para a América do Sul, via Brasil?

Deus foi tão generoso conosco que ele permitiu até que a gente fosse a pé do México ao Brasil e do Brasil aqui. Não tem mar para a gente atravessar, podemos sair correndo. Ou seja, a oportunidade está colocada. Então basta que os nossos empresários, mexicanos e brasileiros, atentem para o que nós queremos das nossas economias nos próximos 15 ou 20 anos. A possibilidade de crescer com os chamados países altamente desenvolvidos é menor do que crescer com os países que têm similaridade com o México.

Então, eu fiz um desafio para os empresários mexicanos e para os empresários brasileiros, e para o governo brasileiro e para o governo mexicano. Quando eu digo “governo brasileiro e mexicano” é porque no desafio estão o Ministério da Indústria e Comércio e o Ministério das Relações Exteriores. É que ainda este ano nós precisamos fazer um grande encontro empresarial mexicano no Brasil e um grande empresário [encontro empresarial] mexicano/brasileiro aqui no México. Colocar 400, 500 empresários para discutir as nossas similaridades, oportunidades. Nós temos problemas, preocupações na área agrícola, vamos discutir e aprofundar. Nós temos tecnologia no biodiesel, nos biocombustíveis, vamos discutir no que nós poderemos construir parcerias, no que o banco de desenvolvimento do Brasil pode se associar ao banco de desenvolvimento do México. O banco de desenvolvimento do Brasil é maior que o Banco Mundial, tem muito mais capacidade de investimento. Abriu



até sede em Londres agora, de tão chique que está, e no Uruguai. Ou seja, porque nós queremos nos transformar em uma grande economia.

Quero dizer para vocês que o Brasil trabalha com a convicção de que em 2016 nós seremos a quinta economia mundial. Isso não vai acontecer porque Deus quer, isso vai acontecer porque nós temos que trabalhar para isso acontecer. Acreditar, acreditar que é possível fazer as coisas. Por que é só um lema americano dizer “Nós podemos”, e os latino-americanos “Nós sofremos”? Por que o nosso lema também não é “Nós podemos, nós queremos, e nós vamos conquistar?”

Então, eu, eu estou convencido, companheiros, permitam-me chamá-los assim. Dez anos atrás era difícil vocês tirarem da minha boca as palavras “companheiros empresários”, e também era difícil um empresário me chamar de “companheiro presidente.” Era muito difícil! Ora, mas a arte de governar... Eu, quando fui candidato pela primeira vez, me perguntaram: “Lula, por que você quer ser candidato?” Eu disse: Eu quero ver se, eleito, se eu tenho capacidade de atender tudo aquilo que eu acho que os outros têm que fazer pelo povo.

Então, eu penso que nós já provamos muitas coisas. Mas México e Brasil não podem ficar paralisados. O México não pode, e os empresários mexicanos não podem ficar esperando apenas a economia americana se recuperar, para vocês voltarem a crescer. É preciso que vocês procurem novos espaços. E o Brasil, neste momento, se apresenta com o coração de mãe para receber os companheiros mexicanos, para discutir oportunidades. Não tenham medo do Brasil. O Brasil não é mais perigoso do que muitos parceiros que o México tem. E, certamente, o México não é mais perigoso do que muitos parceiros que o Brasil tem. Então, vamos trabalhar.

O nosso desafio, companheiros, é fazer nesses próximos anos o que nós não fizemos no século XXI. Nós sempre fomos amigos, sempre tivemos afinidade política, o México sempre foi um país altamente solidário, inclusive,



em momentos de crise política e ditaduras no meu país, o México sempre foi solidário, o México sempre esteve de peito aberto para receber os brasileiros. E eu acho que agora os empresários brasileiros e os empresários mexicanos precisam transformar essa compreensão política dos dois povos em uma realização de desenvolvimento econômico, de desenvolvimento do conhecimento científico e tecnológico, da geração de empregos e da distribuição de renda.

Eu acho que este encontro é gratificante, e eu já disse ao Calderón que estou disposto, basta que os empresários brasileiros e vocês se entendam. Pode marcar um encontro, onde for, não precisa ser em Cancún, não, pode ser na Cidade do México. Eu lá estarei para levar os empresários brasileiros a construir novas parcerias entre México e Brasil.

Acho que a crise é uma oportunidade para a gente fazer alguma coisa diferente daquilo que a gente vinha fazendo. Uma balança comercial de US\$ 7 mil millones entre Brasil e México é uma *vergüenza*. A imprensa brasileira resiste ao meu espanhol aqui, que está... até o Calderón entendeu!

Então era isso, companheiros. Saio daqui agora satisfeito, pelas duas coisas que aconteceram: o fortalecimento da relação entre México e Brasil, a Cúpula Latino-Americana e Caribe e este pequeno, mas promissor, encontro empresarial aqui em Cancún. Boa tarde.

_____ : (em espanhol)

Jornalista: (em espanhol)

Presidente Felipe Calderón:

Presidente Lula: Olha, eu estou de acordo com o presidente Calderón, sobretudo na primeira parte da resposta, porque vai depender muito dos



empresários. O México não é um Estado empresário, o Brasil não é um Estado empresário. Portanto, quem tem que fazer acordos de compra e venda, de *joint ventures*, são os empresários. Eu espero que os dois governos possam ter um trabalho de indução. O que Calderón e eu precisamos ser é sermos fomentadores, indutores da ação empresarial México-Brasil, para que a gente possa concretizar mais parcerias, mais investimentos, mais vendas, mais compras entre os dois países. Então, eu penso que vai caber um papel importante ao empresariado mexicano e ao empresariado brasileiro.

Com relação aos Estados Unidos. Veja, eu penso que, talvez, nem por maldade, não é nem maldade, eu diria, às vezes, ingenuidade, de uma parte da imprensa, que tudo que a gente faz e que os Estados Unidos não participam, as pessoas pensam que nós estamos querendo deixar os Estados Unidos de fora. Isso é mais ou menos como um filho atingindo maioridade. Uma mãe, a coisa que ela mais adora é quando o filho depende dela para tudo. Agora, quando o filho fica adolescente, que começa a sair na sexta-feira e não dar mais importância para a mãe, no sábado e domingo ele quer ter outras amizades, já não quer mais passar o Natal com a mãe, não quer mais passar o Ano Novo com a mãe, a mãe fica incomodada. Ora, ninguém precisa ficar incomodado porque nós estamos procurando caminhos de nos organizarmos, criar fóruns de deliberação entre nós, estabelecer ajudas mútuas entre nós. Vocês não imaginam como esses países pequenos da América Central ficam olhando para o México. Eles querem ter mais política com o México, e eles são dependentes muito dos Estados Unidos, então eles precisam procurar novas parcerias. É por isso que as pessoas estão mais ansiosas de se reunirem e de criarem fóruns. E ninguém é ingênuo para criar uma ruptura com os Estados Unidos ou com a União Européia, até porque nós sabemos a importância dos Estados Unidos na sua relação com todos os países, tanto comercial quanto política, e nós queremos manter essa boa relação. O que nós queremos é, mantendo essa boa relação, ter um espaço de discussão entre nós mesmos,



falando da nossa realidade e construindo uma nova realidade para nós. É isso, apenas, e eu acho isso extraordinário. Lembrando que cada país participa de 500 grupos. Ou seja, se eu contar para vocês que eu participo da Unasul, participo do Mercosul, participo do G-15, do G-20, do G-99, do G-20 Econômico, do G-20 Comercial, do Ibas, do G-5, do G-8, do G-13, do G-14, ou seja,...

_____ : da Fifa.

Presidente: ...da Fifa. Se eu for atender todos os G's de que eu participo, não sobraria tempo para governar o Brasil. Então, cada país participa, sim. E acho que todos compreenderão que nós estamos fazendo aquilo que é certo. Nós estamos descobrindo que nós precisamos nos conhecer melhor. Porque durante muito tempo aqui no continente, durante muito tempo o Brasil era vendido como se fosse o grande adversário. Chegava na Colômbia, chegava na Venezuela, chegava no Panamá, sabe, quem é o inimigo do continente? É o Brasil. Não sei se aqui no México era assim, mas aí um pouco do medo que as pessoas que ficaram do Brasil. E nós estamos desconstruindo esse medo e construindo uma relação de confiança entre nós. Isso é saudável para a paz que nós queremos construir no mundo.

Calderón, quando nós fizemos a primeira reunião Oriente Médio... Mundo Árabe e América do Sul lá no Brasil, houve um escândalo de que nós estávamos fazendo um encontro contra Israel. Depois nós fizemos América do Sul e África. Depois... Agora que vou ao Irã, então está virando um escândalo! Eu vou ao Irã fazer o quê? Eu vou ao Irã negociar com o Irã, vender coisas do Brasil para o Irã e comprar coisas do Irã para o Brasil. É um país com 80 milhões de habitantes, é um país igual ao Brasil... exporta um bilhão e não compra nada. E é um país que o Brasil acha que não pode ficar encurralado, isolado. Nós queremos construir a possibilidade de que tenha paz no mundo. E



a paz no mundo não significa isolamento de ninguém, significa diálogo, significa conversa, significa a gente estabelecer uma relação mais plural. É isso que nós queremos fazer e eu acho que isso é compreendido por todos aqueles que querem verdadeiramente construir a paz no mundo.

_____:

Jornalista: Presidente, boa tarde. Eu queria saber, primeiro, se o senhor se vê como possível secretário-geral dessa nova organização, como sugeriu o presidente Hugo Chávez. Se o presidente Calderón quiser comentar isso também, seria bastante interessante. Além disso, eu queria saber se o senhor poderia comentar o fato de que hoje o Governador em exercício do Distrito Federal abriu mão do cargo, e fica uma situação em que a capital do País, o governo da capital do País se encontra acéfalo. Então, como é que se resolve isso? E mais uma coisa. Surgiu uma denúncia de que o ex-chefe da Casa Civil, supostamente, teria se envolvido com tráfico de influência para a recriação... na recriação da Telebrás. Eu gostaria de saber se o senhor acha que isso de alguma maneira isso impacta esse seu último ano de governo e o Plano da Banda Larga no Brasil?

Presidente: Isso aí se chama “três em um”, é uma coisa... essa é uma coisa própria da criatividade brasileira. (incompreensível). Olha, deixa eu dizer uma coisa. Primeiro, com relação à proposta do companheiro Chávez, de ser secretário da nova organização. Eu penso que uma organização multilateral não pode ter nenhum dirigente, nenhum secretário que seja mais forte do que os presidentes dos países. Ele não pode ser um político com muita força, ele tem que ser um funcionário que cumpra o papel de funcionário, de coordenador e de executor de uma política. Porque se é uma figura muito forte, ele vai terminar querendo ter mais força do que os países, e ele vai ser um



desagregador e não um unificador daquilo. Então, eu tenho muito cuidado com isso, muita cautela. Eu acho que deva ser um profissional competente da nossa burocracia, todos os países têm uma burocracia excepcional. E um cargo desses não é um cargo para um político, é um cargo para um técnico, na minha opinião pessoal. Eu levei na brincadeira aquilo que o Chávez falou, porque não estávamos discutindo isso. Mas no momento certo, se essa discussão vier, o meu conselho é esse: tem que ser um técnico. alguém que seja indicado para cumprir uma tarefa de organização da Cúpula.

Com relação ao governador de Brasília. É um direito dele. O direito de eleger é do povo, mas o direito de renunciar é dele. Ou seja, vai assumir - parece que pela Lei Orgânica - o presidente da Assembléia do Distrito Federal. Se ele renunciar, assume o presidente... E nós estamos aguardando a decisão da Suprema Corte, se vai ter intervenção ou não.

Com relação ao caso da Telebrás. Se você entrar no site da Advocacia-Geral da União, você vai ver a resposta da Advocacia-Geral da União, que não procedem as insinuações. Está respondido o “três em um?”

Jornalista: O senhor pode complementá-lo?

Presidente Lula: Calderón...

_____:

Jornalista: (em espanhol)

Presidente Felipe Calderón:

Presidente: Olhe, eu, como um ser, eu sou um sonhador, como o presidente Arias. Eu era deputado constituinte no meu país, quando em [19]88 nós



votamos pela não proliferação de armas atômicas, de armas nucleares, e o Brasil é o único país do mundo que tem na Constituição a proibição da utilização de arma nuclear, a não ser para fins pacíficos.

Bem, agora, eu sou presidente de um país com 8,5 milhões de quilômetros [quadrados,] de [7,5 mil quilômetros de] costa marítima, com quase 16 mil quilômetros de fronteira seca, faço fronteira com todos os países da América do Sul, menos com o Chile e com o Equador. Acabamos de descobrir uma imensa reserva de petróleo em alto-mar e temos, além do nosso território, a Amazônia para cuidarmos com muito carinho, porque depois que o mundo rico desmatou os seus países, eles se acham donos de dar palpites nas nossas florestas. E eles acham que eles podem dizer o que a gente tem que fazer com a Amazônia. Então, eu acho que um país do tamanho do Brasil tem que estar preparado, do ponto de vista da sua defesa, não para a guerra, mas até para manter a paz.

Nós, com o tamanho do Brasil, o potencial do Brasil, daqui a pouco, se alguém acha que o Brasil não tem nada e resolve brincar de criar caso com o Brasil, isso é muito problemático. O Brasil é um país pacifista, é da índole do povo brasileiro isso, mas nós precisamos estar preparados, preparados para não permitir que alguém tente fazer o que não se deva fazer. O mundo está cheio de exemplos disso.

Agora veja o que acontece: essa divergência... Quando eu assumi a Presidência em 2003, Calderón, tinha que tomar uma decisão se nós íamos comprar aviões-caça. E eu tomei a decisão de não comprar. Suspendi, porque eu estava chegando no governo, eu tinha que enfrentar a fome no meu país. Eu não ia gastar dinheiro comprando aviões, se eu precisava cuidar da barriga do povo.

Passados oito anos, esse assunto voltou, e nós estamos nos preparando, estamos fazendo acordo com os franceses para construir navios de propulsão nuclear, estamos enriquecendo urânio para nossa energia... para produzir



energia, para cuidar da indústria farmacêutica... Ou seja, nós estamos fazendo aquilo que está acordado nas Nações Unidas, não queremos nada mais, nem nada menos. É por isso que eu tenho dito que eu só quero para o Irã aquilo que eu quero para o Brasil, não quero nada mais. (incompreensível) estamos discutindo se vamos comprar os caças ou não, porque precisamos ter... um país com 8,5 milhões de quilômetros quadrados precisa estar preparado para qualquer eventualidade. Mas eu concordo, na tese, com o presidente Arias. Ou seja, seria bom que ninguém precisasse gastar dinheiro com armas, e gastássemos com comida e educação.

A segunda coisa é a questão do Chávez e do companheiro Uribe. Eu concordo com o Calderón. Primeiro, divergência política sempre tem. Vocês... A imprensa brasileira está lembrada que, quando eu tomei posse, quando o Evo Morales tomou posse, o Evo Morales falou da nacionalização do gás. Uma parte da elite brasileira queria que eu fosse para cima do Evo e batesse duro no Evo. E eu entendia que o gás era dele, e ele tinha o direito de nacionalizar. O gás era dele, está embaixo do seu território. Ora... E hoje... As pessoas queriam que eu fosse muito duro com o Evo, que eu... Eu não conseguia enxergar como é que um metalúrgico de São Paulo ia brigar com um índio da Bolívia! Eu não conseguia enxergar, e também na cabeça não cabia isso. Então, eu preferi ter paciência, conversar muito com o Evo Morales, e hoje estamos vivendo muito bem.

Quando o Lugo entrou no governo do Paraguai, começou a disputa de Itaipu, e eu sempre entendi que o Brasil tem que ser generoso com os países mais pobres da América do Sul. O Brasil é a maior economia, é o que tem mais tecnologia, é o que tem mais indústria, é o que tem mais riqueza. Portanto, o Brasil é que tem que ter atitudes generosas com os países mais pobres. E, quando alguns queriam que eu enfrentasse o Lugo, nós fizemos um acordo, e hoje estamos em paz com o Paraguai.



Brasil e Argentina, teve um tempo em que quando nós construímos uma grande hidrelétrica no Brasil, uma binacional chamada Itaipu, os militares argentinos achavam que aquilo era para inundar Buenos Aires. Se a gente abrisse as comportas, iria inundar Buenos Aires. Ou seja, um absurdo. Aí chegaram até a falar em construir bomba atômica para poder se contrapor a Itaipu. Hoje, nós temos uma relação com a Argentina que é a melhor possível. Temos as divergências comerciais, em algum ponto, de um setor empresarial, mas do ponto de vista da relação do Estado e do Governo, é a melhor possível.

E eu penso que é assim. No caso do Chávez e do Uribe, houve uma divergência, eu nem estava lá, porque eu tinha saído para dar uma entrevista para a CNN, achava que a reunião tinha terminado. Mas, à noite, fizemos uma conversa, e os dois companheiros, os dois companheiros se convenceram de que era necessário ter a intermediação nossa para que eles se colocassem em clima de paz absoluta. E agora nós vamos exercer essa função de tentar ver todas as divergências e ver se a gente consegue, em uma concertação, restabelecer a paz e a harmonia entre Venezuela e Colômbia.

Com relação ao Banco Central: o prazo para qualquer pessoa que está no governo deixar o governo é o dia 2 de abril. Dia 2 de abril, quem estiver no governo – ministros... –, e quiser ser candidato, ele tem que se afastar [no dia] 2 de abril. Não me consta que o Presidente do Banco Central queira ser candidato a alguma coisa. Não me consta. E, se for, eu irei desejar a ele toda a sorte do mundo, e vamos eleger um outro companheiro, como elegemos ele.

Mas eu estou tranquilo porque hoje nós poderemos fazer essas mudanças sem nenhum percalço, sem nenhum medo, sem nenhum susto, porque todo mundo sabe que, se tem uma coisa que notabilizou o nosso governo, foi a seriedade no trato da política econômica. E isso vai continuar daqui para a frente.

No mais, companheiros, obrigado a vocês. Eu, agora, vou me despedir do companheiro Calderón, vou para Havana, vou no *[La] Bodeguita del Medio*



comer um *frijole*, e, se vocês quiserem, estão convidados.

Um abraço, e até o próximo encontro.

(\$31FGJLMQ)